



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 25/06/2021 a 01/07/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
25/06/2021	13,29	347,20	59,71	6,37	6,36
28/06/2021	13,57	351,60	62,31	6,46	6,75
29/06/2021	13,59	348,40	64,15	6,39	6,94
30/06/2021	14,50	375,50	65,16	6,50	7,20
01/07/2021	14,46	381,80	65,04	6,58	7,19
Média	13,88	360,90	63,27	6,46	6,89

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	138,00	
RS – Não Me Toque	138,00	
RS – Londrina	141,00	
PR – Cascavel	138,00	
MT – C.N.Parecis	139,00	
MS – Maracaju	146,00	
GO - Rio Verde	S/C	
BA – L.E.Magalhães	143,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	85,00	CIF
Porto de Paranaguá	76,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	76,00	
SC – Rio do Sul	82,00	
PR – Cascavel	80,00	
PR – Londrina	78,00	
MT – C.N.Parecis	71,00	
MS – Maracaju	78,00	
SP – Itapetininga	88,00	
SP – Campinas	95,00	CIF
GO – Rio Verde	S/C	
GO – Jataí	S/C	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	76,00	
RS – Não Me Toque	76,00	
PR – Londrina	77,00	
PR – Cascavel	78,00	

Período: 30/06/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 01/07/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	77,56	137,64	75,92

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
01/07/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	69,68
Feijão (saco 60 Kg)	264,12
Sorgo (saco 60 Kg)	60,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,12
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,94**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,06

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja em Chicago, para o primeiro mês, que vinha operando em um patamar entre US\$ 13,29 e US\$ 13,59/bushel durante esta semana, sofreu uma forte correção altista no dia 30/06, atingindo a US\$ 14,50/bushel, com um ganho superior a um dólar em três dias úteis. Já o fechamento da quinta-feira (01/07), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 14,46/bushel, contra US\$ 13,71 uma semana antes.

Esta alta, que já vinha sendo alimentada pela forte recuperação do óleo de soja naquela Bolsa durante a semana (65,16 centavos de dólar por libra-peso no fechamento do dia 30/06), encontrou maior apoio nos números anunciados pelo USDA em seus relatórios de plantio definitivo e estoques trimestrais na posição 1º de junho. Para o mercado, a maior surpresa teria sido o fato de que a área com soja, semeada nos EUA, aumentou “apenas” 5% sobre o ano de 2020, atingindo a 35,4 milhões de hectares. O mercado esperava mais do que isso e imediatamente assumiu uma postura de forte alta. Além disso, o relatório de estoques confirmou os baixos volumes para a soja, com recuo de 44% sobre o ano de 2020, nesta data, fixando os mesmos em 20,87 milhões de toneladas. Estes estoques já eram esperados, porém, sempre pesam sobre o mercado quando oficialmente são anunciados.

Soma-se a isso a especulação tradicional em relação ao clima nas regiões produtoras estadunidenses, o qual caminha relativamente normal, porém, com regiões apresentando necessidade de mais chuvas. Aliás, a partir de agora o clima será o elemento central deste mercado até a colheita, a partir de meados de setembro.

Ou seja, no curto prazo, a soja apresenta mais uma oportunidade de alta em Chicago, quando estruturalmente aponta para um reposicionamento das cotações em níveis mais baixos do que as fortes altas passadas, as quais geraram uma bolha especulativa.

Neste contexto, até o dia 27/06 as condições das lavouras estadunidenses estavam com 60% entre boas a excelentes, contra 71% no mesmo período do ano passado. Soma-se a elas, neste momento, 31% regulares e apenas 9% entre ruins a muito ruins. Cerca de 14% das lavouras, naquela data, estavam em fase de floração, contra 11% na média histórica para esta data.

Em termos de exportações, na semana encerrada em 24/06 os EUA embarcaram 103.965 toneladas de soja, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o ano comercial atual o país já embarcou 57,2 milhões de toneladas, 55% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, no Brasil, as médias de preços recuaram, pois ainda não captaram esta elevação de Chicago, ao mesmo tempo em que o Real se valorizou novamente quebrando a resistência dos R\$ 5,00 por dólar e oscilando, na semana, entre R\$ 4,90 e R\$ 4,98 por dólar, se aproximando do patamar considerado normal atualmente, pela paridade de poder de compra.

A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 137,64/saco, com perda de mais R\$ 4,36/saco em relação a semana anterior, lembrando que há um ano o preço médio da soja gaúcha era de R\$ 102,03/saco. Dito isso, nas demais praças nacionais, nesta

virada de junho para julho os preços da soja igualmente recuaram, com os valores médios oscilando entre R\$ 138,00 e R\$ 146,00/saco. Em o câmbio se estabilizando nestes níveis, os futuros preços da soja no Brasil, no restante do ano, ficam condicionados às cotações em Chicago, as quais irão depender do clima e da evolução das lavouras nos EUA, e dos prêmios nos portos brasileiros, os quais já começam a operar no campo positivo na medida em que a entressafra nacional se consolida. Por enquanto, os valores nominais da oleaginosa brasileira voltaram a operar nos patamares vistos em dezembro passado.

Em paralelo, as exportações de soja por parte do Brasil, em junho, devem ter ficado em 10,25 milhões de toneladas segundo nova estimativa da Anec. Em se confirmando este volume, haverá um recuo de 1,65 milhão de toneladas em relação a junho de 2020, segundo os registros da Associação. Já a exportação de farelo de soja deve ter somado 2,02 milhões de toneladas no mês, aumentando em relação ao volume de 1,39 milhão obtido em junho de 2020.

Enfim, a título de informação complementar, tem-se que a Cargill, a partir deste mês, inicia o pagamento de um prêmio aos produtores que comercializaram soja sustentável certificada 3S (que significa Soluções para Suprimentos Sustentáveis) na safra 2019/20 com a empresa. O volume desta soja aumentou 75% em relação ao ano 2018/19. Segundo a empresa são 143 produtores em Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Paraná e Rondônia que estão neste programa. São 48 produtores a mais do que o registrado no ano anterior. Os 143 produtores receberão parte de 50% do lucro líquido obtido pela Cargill com a venda de soja certificada, porém, o valor a empresa não divulga. Para obter a certificação 3S, os grãos produzidos nessas propriedades rurais devem comprovar desmatamento zero desde 2008, gestão da emissão de gases de efeito estufa, boas práticas agrícolas e o bem-estar do trabalhador rural. (cf. Notícias Agrícolas)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, que igualmente iniciaram a semana em níveis bastante baixos para os seus últimos padrões, se elevaram fortemente após o anúncio dos relatórios do USDA no dia 30/06. No fechamento deste dia, o bushel, para o primeiro mês cotado, saltou para US\$ 7,20, rompendo novamente o teto dos sete dólares, algo que não ocorria desde o dia 14 de maio passado. O fechamento da quinta-feira (01/07) acabou ficando em US\$ 7,19/bushel, contra US\$ 6,53 uma semana antes.

Os relatórios do USDA foram os alavancadores desta alta já que a área efetivamente semeada com o cereal, na atual safra estadunidense, subiu apenas 2% sobre a do ano passado, ficando em 37,5 milhões de hectares. Ao mesmo tempo, os estoques finais, na posição 1º de junho, recuaram 18% sobre a mesma data do ano passado, ficando em 102,95 milhões de toneladas.

Por outro lado, as condições das lavouras estadunidenses, em 27/06, indicavam 64% entre boas a excelentes, ficando abaixo do que o mercado esperava e contra os 73% na mesma data um ano antes. Outras 28% estavam regulares e 8% entre ruins a muito ruins. Por sua vez, 4% das lavouras de milho estadunidense estavam em fase de embonecamento, ficando abaixo dos 6% da média histórica para esta data.

É bom lembrar que julho é o mês decisivo para o milho nos EUA, fato que coloca o clima ainda mais em evidência nas análises a partir de agora. Segundo analistas norte-americanos, o índice das condições do milho nos EUA está em 367 pontos, um pouco abaixo da média de 10 anos, que é de 373 pontos. Isso significa uma produtividade média de 184,5 sacos/hectare e caindo. (cf. StoneX Group)

Afora isso, os embarques de milho somaram 1,01 milhão de toneladas nos EUA na semana encerrada em 24/06, ficando abaixo do esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial, os EUA exportaram 56,8 milhões de toneladas, ou seja, 70% a mais do que no mesmo período do ano passado.

Na Argentina, segundo o Ministério da Agricultura local, a colheita do milho, safra 2020/21, atingiu a 67% da área total até este dia 1º de julho. Este percentual está 19 pontos atrás do registrado no mesmo período do ano anterior.

Já aqui no Brasil, diante de compradores afastados do mercado, e do início da colheita da segunda safra, os preços do milho voltaram a recuar. Os compradores esperam preços mais baixos nas próximas semanas, devido a entrada da safrinha. Esse movimento baixista igualmente esteve apoiado no câmbio, já que um Real mais valorizado anima as importações e retira preço das exportações, levando a mais produto ficar no mercado interno. Pelo lado vendedor, quem não precisa comercializar o cereal neste momento, aguarda o resultado final da segunda safra, o qual não será bom, devido as fortes quebras climáticas, fato que poderá gerar escassez do produto no último trimestre do ano e, com isso, os preços voltarem a subir.

Neste contexto, a média gaúcha no balcão fechou a corrente semana em R\$ 77,56/saco, perdendo R\$ 2,11 por saco em relação a média da semana passada. Mesmo assim, os preços estão ainda bem superiores aos praticados um ano antes, quando nesta época de 2020 o saco de milho era negociado na média de R\$ 43,55. Dito isso, nesta virada de junho para julho, nas demais praças nacionais, os preços do cereal oscilaram entre R\$ 71,00 e R\$ 88,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) ficou em R\$ 95,00/saco.

Provavelmente o recuo dos preços na atualidade possa durar enquanto entrar a segunda safra, até setembro. Depois, a quebra da mesma tende a fazer seus efeitos concretos, pois, além da seca, agora as fortes geadas e até neve, no Centro-Sul brasileiro, durante esta última semana, vêm preocupar o mercado, já que muitas lavouras semeadas mais tardiamente ainda estão suscetíveis a estes fenômenos. Tanto é verdade que na B3 os contratos do milho bateram em limite de alta no dia 29/06 (aumento de 5% em um dia). Nesta Bolsa, os contratos do cereal abriram o pregão da quinta-feira (01/07) nos seguintes valores: julho/21 em 90,50/saco; setembro/21 em R\$ 94,21; novembro/21 em R\$ 95,33 e janeiro/22 em R\$ 97,55/saco.

Em termos estaduais, no Mato Grosso a competitividade do milho local subiu no mercado, na medida em que o preço do cereal recuou 3,9% na média semanal, ficando em R\$ 68,98/saco na média do conjunto do Estado, enquanto os preços internacionais subiram. O recuo no preço se dá pelos motivos já apontados. Por sua vez, a colheita da segunda safra do Estado, até o dia 25/06, atingia a quase 10% da área, contra a média de 32% das duas últimas safras. (cf. Imea)

Já no Paraná, a colheita da segunda safra subiu para 2% da área total, sendo que dos 98% que faltavam colher, 27% apresentavam fase de maturação. Enquanto isso, a qualidade destas lavouras ficavam em 26% em boas condições, 41% regulares e 33% ruins, repetindo os índices da semana anterior. (cf. Deral)

Já em Goiás, o preço médio do milho, no dia 25/06, atingiu a R\$ 68,10 no Estado, perdendo R\$ 1,30/saco sobre a semana anterior. A colheita da segunda safra está iniciando no Estado e a quebra total está na ordem de 40% do que era esperado inicialmente. (cf. Ifag) Enquanto isso, no Mato Grosso do Sul, a produção final da segunda safra do cereal está agora estimada em 8,25 milhões de toneladas, a partir de uma produtividade média esperada de 68,7 sacos/hectare. Neste contexto, apenas 6% das lavouras estão em boas condições, 55% regulares e 39% ruins, sendo que neste último caso (ruins) o aumento foi de três pontos percentuais em relação a semana anterior. O preço médio estadual, na semana do 21 ao 28 de junho, ficou em R\$ 72,50/saco, enquanto a média de todo o mês de junho foi de R\$ 79,58/saco. Esta média mensal foi 113,4% superior a média de junho de 2020, que atingiu a R\$ 37,29/saco. (cf. Famasul)

Por outro lado, chegou ao fim o Rally da Safra 2021, promovido anualmente pela Agroconsult. O resultado é que a estimativa de produção para a segunda safra caiu para 65,3 milhões de toneladas, com um recuo de quase um milhão de toneladas desde que os trabalhos começaram, em 23 de maio passado. Assim, a quebra média da produção brasileira é de 22% sobre o projetado em janeiro, quando os preparativos para o plantio se iniciavam. Em algumas regiões a produtividade média é muito baixa: 58 sacos/hectare no Paraná e 54,5 sacos/hectare no Mato Grosso do Sul. Tais médias seriam as mais baixas desde 2008/09. Em relação à safra passada, as quebras também são expressivas em Minas Gerais (56,6 sacos/hectare, com 41% abaixo da safra anterior), Goiás (67,8 sacos/hectare, queda de 35%) e São Paulo (60 sacos/hectare, redução de 18%). Poderia ter sido pior se os resultados mais positivos do Mato Grosso não ajudassem a limitar as perdas gerais. Neste Estado a produtividade média está estimada em 94,5 sacos/hectare, com queda de 14% sobre a safrinha anterior. Além disso Rondônia foge à regra deste ano e apresenta uma produtividade média recorde de 85,7 sacos/hectare. Enfim, a região do MAPITO apresenta lavouras com bom rendimento, embora abaixo da safra passada. Vale ainda destacar que a área da segunda safra teria aumentado 1,25 milhão de hectares, chegando ao total de 14,7 milhões neste ano.

Enfim, a baixa oferta nacional de milho, e o câmbio atual, têm limitado as exportações brasileiras do cereal. Em junho o país deve ter exportado apenas 89.000 toneladas, contra quase 800.000 toneladas no mesmo mês do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago pouco reagiram nesta semana, diferentemente do ritmo visto na soja e no milho. O fechamento desta quinta-feira (01/07) ficou em US\$ 6,58/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 6,51 uma semana antes.

Os relatórios do USDA, divulgados no dia 30/06, apontaram uma alta de 5% na área total de trigo estadunidense, em relação ao ano passado, ficando dentro do esperado

pelo mercado. Com isso, a área chega a 18,9 milhões de hectares neste ano. Já os estoques trimestrais, na posição 1º de junho, apontaram para um total de 23 milhões de toneladas, com recuo igualmente de 18% sobre o ano anterior.

Dito isso, a colheita do trigo de inverno nos EUA, até o dia 27/06, atingia a 33% da área semeada, contra a média histórica de 40%. Já as condições das lavouras a colher apresentavam 48% entre boas a excelentes, 31% regulares e 21% entre ruins a muito ruins. Quanto as condições do trigo de primavera naquele país, na mesma data, tinha-se 20% entre boas a excelentes, 41% regulares e 39% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, as exportações estadunidenses de trigo atingiram a 285.654 toneladas na semana encerrada em 24/06, ficando bem abaixo do esperado pelo mercado. No total do ano comercial 2021/22, iniciado em 1º de junho, os EUA exportaram 1,53 milhão de toneladas até o momento, o que significa 23% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços médios continuaram em recuo, puxados pela valorização do Real, que favorece as importações, e pelo fraco ritmo de negócios. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 75,92/saco, perdendo R\$ 1,54/saco em relação a semana anterior. Lembrando que a média no ano passado, nesta mesma época, foi de R\$ 53,76/saco. E no Paraná, na corrente semana, os preços oscilaram entre R\$ 77,00 e R\$ 78,00/saco.

O mercado comprador também fica mais confortado com o aumento da área semeada e a possibilidade de uma safra nacional mais importante do que a do ano passado. Até as geadas desta semana, a tendência era de safras cheias na Argentina e no Brasil. Agora, já se verifica quebras importantes em lavouras paranaenses devido as geadas da semana, embora ainda não se possa quantificá-las.

Enfim, seguindo o Paraná e o Rio Grande do Sul, o Estado de Santa Catarina igualmente aumenta sua área semeada com trigo. Com isso, a colheita deste cereal, em clima normal, poderá aumentar em até 55% por lá. Espera-se um volume total de 267.100 toneladas, sobre uma área de 80.600 hectares. A área semeada com trigo aumentou em 38% em relação ao ano passado.